

Política encobre progresso econômico

Economia - Brasil

(Continuação da página A-1)

Albert Fishlow *

Aqui, no entanto, desejo me referir à diferença entre os resultados apresentados na economia e na política brasileiras. As duas mostram uma surpreendente dualidade. Enquanto a economia continua a se recuperar e emite sinais crescentes de um retorno a um significativo crescimento, o quadro político evidencia recorrentes problemas. A intervalos regulares de tempo, uma nova personalidade é desmascarada, e não apenas em nível nacional. Agora é Eduardo Jorge quem ocupa o centro do palco. Não é de admirar que a popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso tenha caído tanto e que especulações a respeito de sua permanência no poder surjam até mesmo na Câmara dos Deputados dos Estados Unidos.

Ao longo dos últimos 50 anos, os economistas aprenderam que alguns modelos dão certo e outros não. Isso explica a recente, persistente e rápida expansão do modelo de mercado e o desaparecimento do planejamento e do controle estatais. Na América Latina, essa nova realidade chegou atrasada. Ela foi virtualmente prenunciada por todo o continente via um novo período de inflação baixa, refletindo conquistas no lado



fiscal. A privatização inicialmente ocorreu em resposta às exigências orçamentárias, mas foi sustentada pela viabilidade de novos investimentos e competências tão necessários. O comércio internacional agora é visto como um estímulo

positivo ao desenvolvimento, e não uma força negativa a ser restringida em prol da produção doméstica.

Em meio a repetidas crises internacionais nos últimos cinco anos ou mais, o comprometimento com o novo capitalismo mais se

fortaleceu que enfraqueceu internacionalmente. Objetivos sociais louváveis algumas vezes foram podados e retardados para garantir que os processos de mercado tivessem uma chance de demonstrar sua eficiência. Essa foi uma tarefa singular na última década, quer se refira à Europa, à Ásia, à África ou à América Latina. Ainda mais surpreendentemente, esse processo desenvolveu-se em paralelo com a ampliação da democratização e da participação popular em nível global.

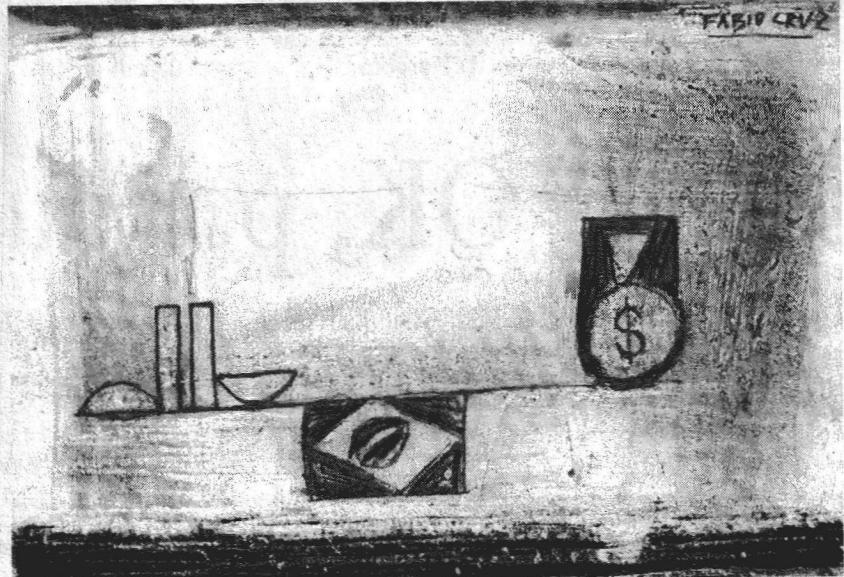
Apesar disso, esse evidente progresso é facilmente esquecido em meio à política do dia-a-dia e à contínua batalha por vantagens eleitorais. Os "fatos" podem ser facilmente distorcidos e

reformulados com o objetivo de se alcançar alguma vantagem popular imediata. Uma imprensa livre e ansiosa por divulgar o que realmente acontece abre os espaços para esse tipo de ação. Tal processo agora caracteriza até mesmo países com longa tradição democrática. Por exemplo, por mais surpreendente que possa parecer essa lembrança nos dias de hoje, o presidente dos Estados Unidos foi alvo de um processo de impeachment há pouco mais de um ano; e, mesmo assim, sua popularidade atualmente é maior que a dos dois candidatos à sua sucessão.

Com jornais e revistas ansiosos por aumentar as vendas, com a facilidade das escutas telefônicas e com eleições ocorrendo a

intervalos regulares, não é de admirar que todos acompanhem o mais recente escândalo com enorme entusiasmo. Porém, a realidade mais

importante que os brasileiros deveriam observar com grande orgulho é sua recuperação econômica. As taxas Selic caíram dois pontos percentuais no último mês; existe uma grande probabilidade de que continuem a declinar. A inflação, apesar da desva-



lorização da moeda em janeiro de 1999, está agora sob controle. O déficit fiscal foi convertido em superávit regular. A produção industrial continua a se elevar. O nível de desemprego caiu e o de investimentos cresceu. E, apesar do persistente déficit em conta corrente, as exportações continuam a crescer em 2000.

Os últimos dois anos do mandato de Fernando Henrique Cardoso deverão mostrar um contínuo avanço econômico em níveis ainda mais altos. Novas reformas institucionais deverão ocorrer, particularmente a do sistema tributário. Com a consolidação da expansão econômica brasileira, talvez aí seja dada maior atenção à política. A mudança já se prenuncia. O número de partidos políticos pode ainda ser grande, porém

estão ficando mais organizados como grupos coesos e independentes, e não como representações individuais. A reeleição já é uma realidade. Mais modificações na certa ocorrerão, na medida em que o Congresso volte sua atenção com mais firmeza para o futuro. Esse quadro será otimista demais? Ou essa visão positiva é uma interpretação muito mais precisa do futuro brasileiro do que a insistência em focar um idéia de caos político do qual tanto se ouve falar no momento? A resposta definitiva só começará a aparecer nos próximos dois anos. ■

* Economista sênior da Violy, Byorum and Partners, professor visitante na Universidade de Yale e ex-secretário-assistente-adjunto para assuntos interamericanos do Departamento de Estado.